

## O Descentramento Identitário na Política e o Papel da Mídia<sup>1</sup>

Uinícius Werneck Barbosa Diniz<sup>2</sup>

### Resumo

Análises de estudiosos modernos das ciências sociais defendem um conceito diferenciado de identidade: entendem o termo como fluido, não essencialista e fragmentário. Durante muito tempo, entretanto, a identidade foi tratada como natural, essencial, permanente e previsível. Em uma sociedade em que tudo é mediado, os discursos produzidos pelos meios de comunicação assumem um papel central. Como esse novo contexto midiático e essa nova forma de entender a identidade (de certa forma *pós-moderna*) costuram mídia e política?

**Palavras-chave:** *Identidade; Política; Pós-modernidade*

### 1. A Identidade na Pós-modernidade e o Papel da Mídia

Durante muito tempo a identidade foi tratada como natural, essencial, permanente e óbvia, apesar de subjetiva. Tanto é que não causa estranhamento a ninguém o fato de termos “carteiras de identidade”, que seriam legalmente a prova de que existimos e de que somos quem somos.

Clarice Lispector, em *A Descoberta do Mundo*, brinca com isso:

Quando não sei onde guardei um papel importante e a procura se revela inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolheria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase “se eu fosse eu”, que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar. Diria melhor, sentir. E não me sinto bem. Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara. No entanto já li biografias de pessoas que, de

1 Trabalho apresentado no VI Encontro Regional de Comunicação em Juiz de Fora/MG, no GT Comunicação, Política e Cidadania.

2 Graduando da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista de iniciação científica no Programa de Educação Tutorial (SESu/MEC); co-autor de capítulo do livro “Identidades políticas e personagens televisivos” e autor de artigos científicos publicados em periódicos indexados.

repente passavam a ser elas mesmas, e mudavam inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque minha fisionomia teria mudado. Como? não sei. (LISPECTOR, 1984: 228)

Clarice sugere que uma investigação sobre quem nós somos, sobre como agiríamos se fôssemos nós mesmos, cria um desconforto. Um deslocamento. “A mentira em que nos acomodamos” nesse momento é levemente removida. Olha-se para si com olhos inquiridores. Conclui-se que não somos exatamente como nos descrevemos no discurso sobre quem somos. O sujeito pós-moderno<sup>3</sup> compartilha de uma fragmentação e de um deslocamento inerentes à vida pós-moderna. Stuart Hall defende que as “velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2000:7)

Clarice, de certa forma, defende que temos uma identidade, mas não a conhecemos. Não está acessível sem busca. Ela, que já dissera que perder-se também é caminho, agora defende uma desmitificação da essência unificada e não-contraditória do ser humano. Hall detecta o mesmo que Clarice, como se traduzisse o poema do texto em palavras de Academia: “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” (HALL, 2000:13)

Hall (2000) distingue três conceitos de identidade: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A definição do *sujeito do iluminismo* estava baseada em um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia com o nascimento e a partir daí se desenvolvia, mas permanecendo essencialmente o mesmo (HALL, 2000:10 e 11).

O *sujeito sociológico* refletiu a transformação do próprio mundo e sua crescente complexidade. Hall diz que esse núcleo interior não era mais considerado auto-suficiente e

---

3 O momento atual da história aparece na teoria de diversos pensadores contemporâneos com nomes distintos: Zygmunt Bauman dá o nome de modernidade líquida; Stuart Hall de modernidade tardia; Gilles Lipovetsky, que já reconhecera esse momento como pós-modernidade, defende atualmente como mais apropriado o conceito de hipermodernidade. Lipovetsky, em uma entrevista ao grupo Cibercidades, da UFBA, assim se pronuncia sobre o termo pós-modernidade: “Eu fui um dos teóricos que popularizou o termo, assim como outros, é claro. Quando eu abordei essa noção de pós-moderno, o fiz numa tentativa de explicar fatos novos e uma nova realidade. Os fatos que eu estava assinalando, assim como os demais teóricos, são bem pontuais: o fim das ideologias, o surgimento de uma nova cultura hedonista, o destino da comunicação e do consumo de massa, o psicologismo, o culto do corpo.” (LIPOVETSKY, 2008)

autônomo, mas estava em constante transformação e era determinado pelo relacionamento com o outro. “De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na 'interação' entre o eu e a sociedade.” (HALL, 2000:11) E é nessa interação que, ao mesmo tempo em que sujeito se projeta nessas identidades culturais, ele internaliza os significados e valores que estão fora, tornando-os parte. Hall afirma que a identidade, então, costura o sujeito à estrutura, tornando-os unificados e previsíveis.

Portanto, se essa estrutura se transforma intensamente, o sujeito a ela costurado pela identidade, entra em crise. No *sujeito pós-moderno*, convivem não duas ou três identidades, mas uma miríade delas, contraditórias e fragmentárias. Conforme Hall, uma “celebração do móvel” (2000:13). Há diferentes identidades, assumidas não mais biologicamente, mas historicamente. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. (HALL, 2000:13)

E é isso que ajuda a responder a perguntas como: Mas por que a identidade na pós-modernidade é tão fragmentada? Por que tamanha diferença entre o sujeito pós-moderno e o sujeito cartesiano ou sociológico? Assim como a sociedade se transformou, as identidades se modificaram. Conforme famosa frase de Marx no Manifesto do Partido Comunista, vivemos em sociedades em que “o sólido se desmancha no ar” (MARX e ENGELS, 2002: 223). Portanto, “por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2000:14). Citando Giddens, Hall afirma:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. (GIDDENS *apud* HALL, 2000:16)

Mudou também a mídia e sua influência ao longo dos últimos séculos, desde a imprensa de opinião agregada à formação da esfera pública burguesa no século XVIII (GOMES, 2004:46) ou mesmo a imprensa a serviço do Estado absolutista de Luís XIV no século XVII (GOMES, *idem*), até os meios de comunicação de massa tão presentes no cotidiano dos séculos XX e XXI. É infrutífero pensar hoje em identidade na política sem levar em conta os meios de comunicação e as mediações por eles exercidas.

O fato de que a maior parte das informações que recebemos sobre o mundo se dá por meio das mídias de massa já indica a importância dessa mediação. As falas dos políticos, as repercussões de polêmicas, os discursos e contra-discursos, provocações e réplicas, são publicizadas preferencialmente pelos meios de comunicação – televisão, rádio, impressos, internet. Quantas pessoas conversaram com os candidatos a algum cargo político – como de presidente – antes de votar? Quantas pessoas ouviram diretamente os discursos dos candidatos? Quantos, por sua vez, tiveram acesso a esses debates apenas por meio da televisão? Certamente um número infinitamente maior.

Muitas vezes a realidade mediada se torna mais verossímil ao sujeito pós-moderno do que o próprio fato. As cores na televisão se tornam mais verdadeiras. São freqüentes os relatos sobre garotos que reclamam, quando assistem ao primeiro jogo num estádio de futebol. Por que motivo? “Aqui não tem replay”, respondem. Onde ficam nesse estádio os diversos ângulos exclusivos? A realidade mediada em certo sentido substitui o evento real no imaginário popular.

Gomes diz que, agora, é a lógica midiática que controla a esfera da visibilidade pública. Vaclav Havel, em citação de Fallows, contextualiza a questão:

Fico sempre impressionado quando verifico o quanto estou à mercê dos diretores e editores de televisão; o quanto a minha imagem pública depende muito mais deles do que de mim mesmo. Sei de políticos que aprenderam a se ver exatamente como são vistos pelo olho da câmera. A televisão, de uma certa forma, parece ter se apropriado das suas personalidades para transformá-las em algo como sombras televisivas deles mesmos. Eu, às vezes, me pergunto se eles tomam cuidado para dormir de um jeito que pareça bem na telinha. (FALLOWS apud GOMES, 2004:66)

Mas o debate teórico sobre a comunicação já se libertou do reducionismo das hipóteses hipodérmicas, que apresentavam o ser humano como sujeito passivo diante das mensagens midiáticas, quando repetidas vezes suficientes. Libertou-se também das ideias de que a imprensa nada interfere na esfera social. Portanto, negando-se as repostas hipermidiáticas e hipomidiáticas, o desafio é ponderar qual é a real influência social da mídia, levando-se em conta as contextualizações históricas. E nosso tempo é repleto de casos ilustrativos de que os meios de comunicação configuram um espaço fundamental para compreender diversas questões – entre elas o processo de formação identitária.

A BBC Brasil, em sua página na internet, publicou no dia 27 de março de 2008, uma matéria com a manchete: *Homem que era mulher anuncia estar grávido*. O subtítulo

torna o fato mais interessante: *Thomas Beatie é considerado homem perante a lei americana*. A questão se esclarece no seguinte fragmento da matéria:

O transexual americano Thomas Beatie anunciou estar grávido de uma menina e deve dar à luz em julho deste ano, apesar da oposição da classe médica, de parentes e amigos. Em depoimento prestado à revista dirigida a homossexuais *The Advocate*, Beatie, que nasceu mulher, mas trocou de sexo há oito anos, conta que sua mulher de dez anos, Nancy, sofreu uma histerectomia - retirada do útero - no passado e, quando o casal decidiu iniciar uma família, coube a ele engravidar. (...) [Beatie afirma que] quando o casal decidiu ter um filho, ele parou de tomar suas doses regulares de testosterona e voltou a ovular naturalmente, não sendo necessário o uso de nenhuma droga para aumentar a fertilidade. "Eu sou um transexual, legalmente um homem, e legalmente casado com Nancy", diz ele na revista. Conto com todos os direitos federais de um casamento". Quando trocou de sexo, Beatie se submeteu a uma mastectomia - teve seus seios retirados - e iniciou uma terapia com hormônios masculinos. "Mas mantive meus direitos reprodutivos", diz ele, esclarecendo que a sua mudança de sexo não incluiu nenhuma modificação dos seus órgãos sexuais femininos. (BBC, acessado em 8 de abril de 2008)

Em um vídeo do mesmo site, há um trecho em que uma famosa apresentadora americana, Oprah Winfrey, entrevista Thomas Beatie. Segue a transcrição do vídeo, conforme legendas embutidas pela BBC:

*Thomas Beatie* - Sabe, eu tenho uma identidade de gênero masculino muito estável. Eu encaro gravidez como um processo. E isso não determina quem eu sou.

*Oprah Winfrey* - Entendi. Estou conhecendo um mundo novo. Então, quando você decidiu, você manteve seus órgãos reprodutivos porque você pensou: "Talvez um dia eu precise deles".

*Thomas Beatie* - Sim, porque eu sinto que não é um desejo masculino ou feminino querer ter um filho. É um desejo humano. E eu sou uma pessoa e tenho o direito de ter meu próprio filho biológico.

*Oprah Winfrey* - Sim, você tem esse direito.

Já no título o descentramento da identidade se torna patente: Homem que era mulher anuncia estar grávido. No sujeito pós-moderno a identidade não segue qualquer sentido biológico ou tradicional. A fácil definição de mulher até o Sujeito Cartesiano – em relação ao sujeito lógico proposto por René Descartes -, não se suporta na modernidade tardia (para usar o termo de Hall). Tanto a identidade feminina quanto a masculina são fragmentárias na pós-modernidade. Como definir o que é mesmo homem?

A frase "Homem que é homem" virou até mote para piada em texto de Luiz Fernando Veríssimo:

Homem que é Homem não usa camiseta sem manga, a não ser para jogar basquete. Homem que é Homem não gosta de canapés, de cebolinhas em conserva ou de qualquer outra coisa que leve menos de 30 segundos para mastigar e engolir. Homem que é Homem não come suflê. Coisas que você jamais vai ouvir um HQEH [Homem que é Homem] dizer:

"Assumir", "Amei", "Minha porção mulher", "Acho que o bordeau fica melhor no sofá e a ráfia em cima do puf". (VERISSIMO, 2000:89)

Não há essa definição precisa, pois identidade é construção discursiva: pode se basear em referências materiais, mas não tem apoio biológico, não tem essência inerente, é fragmentária, e, sobretudo, não reside sozinha no sujeito. Identidades multifacetadas se confundem no sujeito pós-moderno, anulando-se e balanceando-se a depender de numerosos fatores. O que Hall chamaria de “celebração do móvel”, não é nada além do que poderíamos chamar de “híbrido identitário”. Híbrido é sempre relacionado com mistura de coisas que se apresentam como diferentes, quando não opostas. Sejam diferentes espécies, sejam línguas distintas, ou, por sua vez, identidades opostas. O híbrido identitário do sujeito pós-moderno se intensifica cotidianamente, como vemos na matéria da BBC. Esse fato seria plausível se relatado no século passado? Esse descentramento identitário é marca da pós-modernidade, com os avanços tecnológicos e com a globalização.

De toda a transcrição da história de Thomas Beatie, retenho-me na entrevista feita por Oprah Winfrey. Já na primeira frase Beatie diz ter uma identidade de gênero masculino estável. A palavra estável, por si, já não se enquadra nos tempos atuais para se falar de identidade. Identidade está configurada atualmente como mutável, instável e em construção. Entende-se que ele defende a tese nessa frase, de que, apesar de querer ter um filho gerado em seu ventre, continua se sentindo absolutamente com uma identidade masculina. E é essa a questão mais interessante. Se isso fosse ponto pacífico, não teria havido tão grande reação da equipe médica, de amigos e parentes. Sem juízo de valor, a questão principal é que essa identidade, para ele clara, não é tão claramente aceita pelo seu círculo de convivência.

As identidades já não são as mesmas, como brincou Veríssimo em seu texto. A principal piada desse capítulo do livro é justamente essa: qual o homem que, lendo o texto, ao fim de suas linhas diria-se um Homem que é Homem? Homem como um conceito simples e aplicável sem discussão aos que estão a nossa volta é mito, é fantasia de uma identidade coerente e imutável. Da mesma forma ocorre com qualquer identidade – todas míticas: mulher, negro, bom, mau. É sempre um *discurso* de identidade.

A continuação da frase de Beatie corrobora a idéia de Hall de que identidade não tem ligação com biologia: “[Engravidar] não determina o que eu sou”. Hall diz: “Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos



inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. (HALL, 2000:38). Oprah demonstra o ineditismo do fato ao declarar que aquilo para ela era um mundo novo. As identidades na modernidade tardia realmente conversam entre si, negociam e podem partir para caminhos diferentes. Anulando-se, complementando-se ou transformando-se.

Essa perplexidade demonstrada por Oprah Winfrey no programa com relação ao discurso identitário de seu convidado é recorrente no mundo atual. E é com base nessa questão delicada, sobre como identidades são entendidas em um mundo cada vez mais mediado, em um mundo muitas vezes apenas conhecido pelo olhar dos meios de comunicação de massa (*mass media*), que nos propomos problematizar a identidade na política.

## 2. Considerações Finais

A política na era da comunicação de massa tem suas características principais, suas peculiaridades. Um ponto levantado por Hall pode acrescentar nessa análise. Visto que os políticos em um sistema eleitoral democrático devem se preocupar com eleições periódicas, veem-se imersos no chamado “jogo das identidades” (HALL, 2000:19). A mesma construção textual se esforça em agradar leitores nos quais identidades diferentes prevalecem: “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada.” (HALL, 2000:21)

Se identidade é representação, é construção discursiva, os candidatos numa campanha eleitoral têm o grande desafio de se apresentar da maneira mais palatável ao eleitor (e aos distintos segmentos do eleitorado), que é o ator social que garante sua posição na esfera política dos regimes democráticos. Candidatos de minorias de maneira geral têm maior desafio nesse “jogo das identidades” Um exemplo é Barack Obama, candidato do Partido Democrata à presidência dos Estados Unidos em 2008. Em um país historicamente produtor de elites políticas brancas, anglo-saxônicas e protestantes (WASP: White, Anglo-Saxon and Protestant), Obama é um cristão (de congregação minoritária), negro e que morou em país islâmico.

Mas a dificuldade de permanecer em um entre-lugar<sup>4</sup> já se tornou evidente em alguns momentos. Comentaristas e personagens famosos da política americana (como o Reverendo Jesse Jackson, ex-candidato à presidência), aproveitam-se dessa estratégia discursiva para acusar Obama de não agir como negro. Isso ocorreu, por exemplo, após o caso de uma briga interracial em uma escola na cidade de Jena, Louisiana, em dezembro de 2006, e da acusação de que a justiça teria usado de um rigor acima do usual ao julgar os seis afro-americanos envolvidos. Jesse Jackson apóia atualmente a campanha de Obama, mas disse ao repórter S. C. Burris: “Obama está agindo como se fosse branco”.<sup>5</sup> (FOX NEWS, 2008).

Fryer (FRYER, 2006), pesquisador da Universidade de Harvard, demonstrou em pesquisa a perversidade que, diversas vezes, o jogo identitário patrocina. As identidades minoritárias pagam um alto preço, segundo Fryer, quando se destacam nas escolas americanas. O fenômeno que ele chama de “acting white” (agindo como branco ou brancamente), postula que alunos de minorias étnicas dos EUA perdem assustadoramente popularidade quando começam a ter índices de rendimentos mais altos, enquanto alunos brancos têm sua popularidade aumentada quanto mais aumentam suas notas.

Fryer cita os estudos de Angela Neal-Barnett, nos quais estudantes indicaram comportamentos que se enquadrariam em “acting white”: falar um inglês padrão, estar envolvido em uma classe para alunos avançados ou em uma classe por honras, usar roupas da Gap ou da Abercrombie & Fitch (em vez de Tommy Hilfiger ou FUBU) e usar shorts no inverno.

O problema dessa situação reside no fato que as críticas ao rendimento acadêmico (ou a outros comportamentos), gera uma pressão social nas minorias para que se fechem em seus grupos e não busquem locais de destaque na sociedade. Fryer (2006) sugere ao fim do artigo a busca de novas identidades. Sugere uma luta pela tradução dentro das escolas americanas, no lugar de um fechamento em torno da própria identidade (tradição).

Conforme Hall (2000:45), cada “movimento apelava para a *identidade* social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas”. E continua: “Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* – uma identidade para cada movimento”.

4 Conceito utilizado por Homi Bhabha (2001) para designar a situação de sujeitos que se situam nos interstícios entre identidades fixas

5 “[Obama is] acting like he's a white” Tradução Nossa



O palco onde efetivamente ocorrem diversas disputas políticas é a mídia: muitas vezes, as repercussões de fatos de campanhas nos meios de comunicação são mais importantes do que os fatos por si mesmos. Muitos episódios só adquirem plena importância devido ao espaço de mídia.

Toda a informação - em épocas de campanha - que circula em impressos, rádios, TVs e websites constitui não somente a base a partir da qual eleitores formam suas opiniões: representa um episódio especialmente ilustrativo para a discussão de como se colocam as questões identitárias em nosso tempo, a partir da dicotomia Tradição-Tradução.

Muitas articulações identitárias em campanhas eleitorais – não importa se espontâneas ou não – poderiam ser chamadas de pós-modernas. Há nelas muitas vezes uma maior superfície de contato identitário. É importante verificar a fundo as relações entre identidade e mídia, a fim de compreender suas influências no campo da política.

### Referências Bibliográficas

BBC. **Homem que era mulher anuncia estar grávido.** Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080327\\_transexualgravido\\_ba.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080327_transexualgravido_ba.shtml)>. Acessado em: 8 abril 2008.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FOX NEWS. **Report: Jesse Jackson Says Barack Obama 'Acting White' in Case of Six Blacks Accused in Assault Case.** Politics. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/story/0,2933,297332,00.html>>. Acessado em: 10 abril 2008.

FRYER, Roland. **Acting White.** Publicado no caderno “Education Next”, vol. 6, n. 1. Disponível em: <<http://www.hoover.org/publications/ednext/3212736.html>>. Acessado em: 9 abril 2008.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo: Paulus, 2004. 451 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 102 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **Cibercidades**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/cibercidades/lipovsky.pdf>>. Acessado em: 10 abril 2008

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 480p.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **The Communist Manifesto**. Penguin Classics, 2002. 287p.

OBAMA, Barack. **A more perfect union**. Discurso. Disponível em: <[http://www.barackobama.com/2008/03/18/remarks\\_of\\_senator\\_barack\\_obam\\_53.php](http://www.barackobama.com/2008/03/18/remarks_of_senator_barack_obam_53.php)> . Disponível em vídeo: <<http://www.youtube.com/watch?v=pWe7wTVbLUU>>. Acessos em: 10 abril 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

THE GREEN PAPERS. **Democratic Delegate Allocation – 2008**. Disponível em: <<http://www.thegreenpapers.com/P08/D-Alloc.phtml#Terr>>. Acessado em: 10 abril 2008.

VERISSIMO, Luiz Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000. 176 p.

WIKIPEDIA. **Democratic Party (United States) presidential primaries, 2008**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Democratic\\_Party\\_\(United\\_States\)\\_presidential\\_primaries%2C\\_2008](http://en.wikipedia.org/wiki/Democratic_Party_(United_States)_presidential_primaries%2C_2008)>. Acessado em: 9 abril 2008.

WRIGHT, Jeremiah. **Obama doesn't fit the model.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=hAYe7MT5BxM&feature=related>>. Acessado em: 9 abril 2008.